

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NESTA FEBRIL FERROVIA, NÃO HÁ TEMPO PARA ALEGRIA: A COTIDIANA EXPLORAÇÃO DE TRABALHO NA FERROVIA MADEIRA- MAMORÉ

Ana Carolina Monteiro Paiva
Mestra em História (PPGH-UFPB)¹
anacarolina.mont@hotmail.com

Este artigo sintetiza parte da discussão teórica-metodológica sobre cotidiano, que compõe *Trabalho e Cotidiano na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1919)*. Na dissertação, tentei destrinchar o cotidiano dos trabalhadores da ferrovia, problematizando o processo de implementação da ferrovia, realizado através de uma estrutura de exploração da força de trabalho que fora determinante para o desenvolvimento e configuração da região, como a própria fundação da cidade Porto Velho.

Pelo ângulo das relações de trabalho, investiguei o cotidiano dos trabalhadores durante a construção e funcionamento da ferrovia, considerando os elementos entendidos por Agnes Heller (2011) como “partes orgânicas da vida cotidiana” divididos em quatro eixos: organização do trabalho através da divisão das funções e hierarquias; espaços de trabalho, moradia e sociabilidades; conflitos; e disciplinarização dos corpos através da estrutura médico-sanitária.

Aqui, o intuito é compreender o cotidiano como um elemento analítico importante para destrinchar uma estrutura de exploração sistemática da força de trabalho, que destaca as experiências concretas dos trabalhadores marginalizados na historiografia regional – e, nacional – quando a categoria é pensada para além de uma noção superficial de ações sedimentadas do “dia-a-dia”.

Para isto, no primeiro momento destaco autores e autoras que discutem sobre “cotidiano” em suas pesquisas, principalmente dentro da perspectiva da história social do trabalho; no segundo momento, como em um estudo de caso, compartilho questões que discuti ao investigar o cotidiano dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré.

¹ Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Trabalho (GEPEHTO), vinculado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e do Laboratório de Estudos de História Social do Trabalho na Amazônia (Lehstam), vinculado à Universidade Federal do Amapá (Unifap).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A configuração de uma “história vista de baixo”, defendida por Edward P. Thompson (1966) no artigo *The history from bellow*, gradativamente foi ganhando espaço na historiografia, com fortes influências no Brasil, ao colocar experiências e cultura no cerne das análises sobre ação social, e, posteriormente, o desenvolvimento de estudos sobre as experiências das pessoas “comuns” e de suas reações a estas experiências.

Atrelado a esta concepção, o estudo da vida cotidiana tem sido uma opção recorrente de análise para investigar a marginalidade social de sujeitos e grupos. Segundo Hebe Castro (1997), a “vida cotidiana” e “cotidiano operário” tem sido formulações comuns na abordagem dos trabalhos sobre história social do trabalho. O “cotidiano” tem contribuído para a redescoberta dos sujeitos e suas experiências de “situações inéditas”, mas não estritamente daquilo que é excepcional, mas daquilo que era inatingível por estar submerso (MATOS, 2019, p. 18).

Zilá Mesquita (1995, p. 13) examina definições de “cotidiano” e encontra três conotações atribuíveis: 1) hábito, de algo que se repete como tarefa ou exercício; 2) lugar que não inclui aspiração, sonho e imaginação; 3) lugar da existência do monótono, banal, enfadonho e comum. A ideia de cotidiano abrange as três concepções, no entanto, a autora também acredita que a noção de cotidiano-hábito contribui para desvelar outras feições ignoradas do cotidiano.

O hábito pode ser resgatado como uma prática repetitiva, não necessariamente monótona, quando percebemos o cotidiano como “territórios cotidianos” que habitamos, lugar da observação atenta de nós e dos grupos, das ações e dos pensamentos, onde Mesquita (1995, p. 16) acredita estar a potencialidade do conceito.

A historiadora Silvia Petersen (1995) constata a apropriação geralmente descritiva do cotidiano na produção historiográfica brasileira e discute sobre o conceito possuir um significado flutuante, em que poucos autores se propõem a uma reflexão teórica profunda como forma de ruptura com o sentido comum e genérico de “dia-a-dia” ou “vida de todo dia”. A autora procura entender quais as razões dessa característica dos estudos sobre cotidiano considerando que, em certa medida, se encontram na espinhosa intersecção das formas de conhecimento da “ciência” e “conhecimento em comum”. O senso comum capta muito bem a profundidade horizontal das relações entre as pessoas, porém, ainda

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

são conhecimentos superficiais que ignoram as estruturas científicas, que estão além da consciência (PETERSEN, 1995, p. 37).

O não entendimento entre essas duas formas de conhecimento ocasionaria problemas na compreensão de cotidiano enquanto categoria, como observado por Silvia Petersen: a redução de cotidiano de forma genérica, sem utilidade analítica; cotidiano como palco, onde tramas se desenrolam sem constituir um campo teórico ou categoria que contribua no desenvolvimento da trama. Nessa última perspectiva, o cotidiano figura como o suporte que o autor necessita para contextualizar a problemática que é o objeto de sua análise. Assim, o cotidiano se configura como uma “dimensão subjacente”, sem ser objeto de qualquer observação analítica específica.

A grande contribuição que Silvia Petersen proporciona é chamar atenção para os usos do “cotidiano” buscando compreendê-lo como algo que não se esgota pela repetição e pela rotina, atuando também como momento de vida onde se dão as interações e subversões imprevistas. Em conformidade com Gleny Terezinha Duro Guimarães (GUIMARÃES, 2002, p. 11), “pensar o cotidiano de um prisma teórico implica descobrir o incomum no repetido”. Como categoria, permitirá ultrapassar a ideia de cotidiano enquanto conjunto de características meramente fenomênicas da vida dos sujeitos e grupos sociais.

Para Agnes Heller (2011), a “vida cotidiana” consiste em um conjunto de atividades que permitem a reprodução do indivíduo, sendo características que, por tratarem das particularidades humanas, acabam por expressar a forma como esses sujeitos pensam, agem e se relacionam na sociedade.

O cotidiano estaria, então, no centro do “acontecer histórico”. Para a autora, todos os homens (sem exceção) vivem a vida cotidiana, portanto, a “vida cotidiana é a vida de todo homem”. Além de ser a vida de todo homem, independentemente de sua posição, a vida cotidiana é a “vida do homem inteiro”, uma vez que o homem enquanto sujeito integra o cotidiano em todos os aspectos de seu ser (HELLER, 2011, p. 34).

Esta vida cotidiana é heterogênea, por congrega diferentes aspectos dos sujeitos e suas interações sociais, e estruturada por hierarquias, que se modificam em função das diferentes estruturas econômico-sociais. Embora a estrutura da vida cotidiana propicie espaço para a alienação, o cotidiano não é necessariamente alienado. Agnes Heller (2011,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

p. 32) considera alguns elementos como partes “orgânicas” da vida cotidiana, entre eles a vida privada, lazeres, o descanso, atividade social organizada e o trabalho.

O estudo do cotidiano através do elemento trabalho e/ou relações de trabalho está em consonância com a perspectiva de Maria Izilda Matos (2019). Em *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*, a autora evidencia que o cotidiano do trabalho foi priorizado no movimento de recuperação das experiências históricas excluídas ou marginalizadas, uma vez que o trabalho ocupa grande parte da vida cotidiana. Extrapolando a noção de cotidiano como terreno dos hábitos e rotinas, aqui o cotidiano revela tensões, confrontos e formas peculiares de resistência/luta, mudanças/permanências que são vividas de diferentes maneiras (MATOS, 2019, p. 16).

Ainda na retomada das experiências dos sujeitos, esta emerge vinculada a uma “redefinição do político”, em que o campo do poder se desloca das instituições públicas e do Estado para uma “politização do dia-a-dia” (MATOS, 2019, p. 22). De modo que, a “hermenêutica do cotidiano” se propõe antes como método do que como teoria, pois “assimila a efemeridade das perspectivas, a instabilidade das categorias analíticas, constantemente reconstruídas, e a historicidade inerente ao processo de conhecimento.” (MATOS, 2019, p. 18)

No caminho semelhante de “politização do dia-a-dia”, Sidney Chalhoub (2012) em *Trabalho, lar e botequim* orienta a pensar as formas de controle social e mecanismos disciplinares como elementos que abrangem todas as esferas da vida cotidiana dos sujeitos, mais especificamente, os trabalhadores. Noções como “prática cotidiana” e “política do cotidiano” servem como instrumento analítico para pensar a noção de comportamento desviante.

A saturação da reprodução do trabalho, por exemplo, é um dos elementos constituintes da vida cotidiana que pode proporcionar momentos que excedem a normalidade do dia-a-dia, da atividade repetitiva. A explosão e subversão da repressão diária é vista como a “baforada” de surpresa, vida, ironia ou violência, por Chalhoub (2012, p. 33).

Ao investigar a constituição da vida operária fora das fábricas, em São Paulo, Maria Auxiliadora Guzzo Decca (1983) conceitua o “cotidiano operário” como espaço das estratégias de dominação da vida cotidiana, que visavam a disciplinarização dos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trabalhadores, considerando aspectos como atividades de lazer, ações médico-sanitárias e organização espacial dentro e fora dos espaços de trabalho.

Para Maria Odila Dias, o “cotidiano” consiste na “área de improvisação de papéis informais novos”. Na discussão sobre a “hermenêutica do cotidiano”, acredita que ao invés de fragmentar, dispersar e/ou reduzir as ciências sociais, o estudo do cotidiano instiga a “busca de conhecimentos novos para seres sociais, concretos e pois diferenciados, culturalmente diversos” (DIAS, 1998, p. 256), reconstituindo experiências vividas.

Essa reconstituição não pode ficar deslocada ou transformar em várias “histórias” de homens e mulheres. É preciso a inserção dos sujeitos históricos no conjunto das relações de poder e no contexto mais amplo da sociedade em que viveram, para que se contribua na historicidade e desmistificação de estereótipos das grandes narrativas (DIAS, 1998, p. 232). É, portanto, um exercício de esmiuçar as mediações sociais.

De acordo com Petersen (1995), as pesquisas de Chalhoub (2012), Decca (1983) e Dias (1998) conseguiram utilizar “cotidiano” como instrumental analítico, contribuindo para pensar seus objetos de estudo como “tensões específicas das relações de poder na sociedade que têm lugar no cotidiano”. Essas tensões são práticas de dominação do exercício de mecanismos disciplinares e de dimensões de luta de classes, de resistência, de confronto, de redes de solidariedade que atribuem à vida cotidiana um “caráter político”.

Há também as contribuições de Norberto Ferreras, percebendo a vida cotidiana dos trabalhadores, homens e mulheres, como *lócus* de transformação e repetição, encontro e sincretismo, em que o trabalho é o elemento de coesão entre trabalhadores em condições distintas. Em seus estudos, alguns elementos do cotidiano deram um certo grau de homogeneidade à diversidade representada por grupos com diferentes origens, expectativas e horizontes (FERRERAS, 2006, p. 13).

Na vida cotidiana o homem não é o criador da sua própria vida, se aproximando mais em ser um produto dela. Isto porque considera a vida cotidiana não como uma elaboração consciente do indivíduo, mas criada a partir das condições de vida, como os modos de vida dos grupos sociais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Aqui, “cotidiano” é entendido como a junção entre o “ser social” e a “consciência social”. Com isso, a contribuição de Ferreras consiste em compreender a atuação do cotidiano como um catalisador que unificou, no caso de Buenos Aires, as experiências em suspensão (e acumuladas), acelerando o processo de aproximação dos explorados (proletariado), que se apropriou da realidade vivenciada diariamente para constituir sua consciência (FERRERAS, 2006, p. 15-16).

Há de se pontuar a produção de outros autores que oferecem contribuições teóricas e analíticas a respeito do cotidiano. Como Michel Foucault (1995), que entende o poder como prática cotidiana na sociedade moderna. A teoria dos micropoderes aproximou a análise política das pequenas práticas cotidianas, Foucault avança e discute os efeitos do poder atingindo todas as esferas da sociedade, individuais e familiares, grupais, mentes, escolhas, ações, corpos.

Michel de Certeau enxerga no cotidiano o lugar de interpretações, resistências pequenas, desvios e subversões da repressão e do disciplinamento. Através dessas brechas, pessoas comuns em seu anonimato e invisibilidade, elaboram “práticas cotidianas” contrariando os poderes e instituições (SILVA & SILVA, 2009, p. 77). Diferentemente da ideia elaborada por Foucault, o ponto central de Certeau é o “esmiuçar das práticas de sobrevivência” de um cotidiano sempre em processo de ser reinventado pelas táticas e subterfúgios dos sujeitos (DIAS, 1998, p. 228).

No mesmo caminho, James Scott interpreta as experiências de trabalho nas diferentes formas como homens e mulheres vivem suas relações como “formas cotidianas de resistência”, em que as acomodações são produtos da luta de classes. Como expressões dessa resistência cotidiana tem-se ações que requerem pouca ou nenhuma coordenação, são informais e ocultas, como: “fazer ‘corpo mole’, dissimulação, condescendência, furto, surrupio, simulação, fuga, fantasia, difamação, maledicência, incêndio culposo.” (MENEZES, 2002, p. 33).

Diante do breve panorama sobre os estudos do cotidiano e suas contribuições para a historiografia, opto por compreender o cotidiano, além de categoria analítica e instrumento metodológico, como local de práticas de dominação, do exercício de mecanismos disciplinares, de lutas de classes, de resistência e de redes de solidariedade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que atribui à vida cotidiana o caráter dinâmico e político. Tentarei deixar visível esta concepção no caso dos trabalhadores da Madeira-Mamoré.

Desde o início do século XX, a história da ferrovia Madeira-Mamoré tem sido apresentada como um empreendimento pioneiro, heroico, civilizatório e moderno em suas tentativas anteriores e na efetiva construção, principalmente por simbolizar a cidade de Porto Velho, criada com a implementação da linha férrea. Projetada para exploração de matérias-primas da região amazônica, como a borracha, a ferrovia foi responsável por um fluxo de 25.000 a 30.000 trabalhadores circulando durante o período de construção, causando cerca de 6.000 óbitos, conforme Manuel Ferreira (2005) e Francisco Foot Hardman (2005). Os números representam o contingente de homens que compuseram outro lado da história da ferrovia, a do processo de exploração do trabalho humano. Submetidos a relações de trabalho em um sistema hierárquico, homens e mulheres foram classificados e divididos de acordo com suas nacionalidades, funções, etnias e gêneros.

Dito isto, compartilho alguns pontos que consegui discutir sobre os trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré a partir da investigação do cotidiano pelo ângulo das relações de trabalho.

Cotidiano em produções acadêmicas, mas sem teor analítico

Silvia Petersen (1995) destacou produções acadêmicas que traziam em seus títulos “cotidiano”, mas que em seu conteúdo verifica-se o desaparecimento do termo na análise proposta pelo título, que possui outro eixo de discussão. Do mesmo modo, identifiquei a inserção de “cotidiano” em duas obras sobre o cotidiano dos trabalhadores. Ressalto que, apesar de ser um tema conhecido na região e comunidade acadêmica pela simbologia que carrega, ainda são poucas as pesquisas sobre cotidiano e trabalho no que se refere à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

Rose Neeleman e Gary Neeleman (2011) e Manoel Ferreira (2005) são autores se referem sobre “cotidiano dos trabalhadores” sem um ponto de discussão e análise sobre o que seria cotidiano em suas perspectivas, limitando-se a descrição não-analítica de um conjunto de questões que consideram como cotidiano: alimentação, vestimenta, horários de trabalhos, espaços habitados, informações pessoais dos sujeitos e sociabilidades. No

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caso de Rose Neeleman e Gary Neeleman (2011), o termo entendido como sinônimo de cotidiano integra o título do livro *Trilhos na selva: o dia a dia dos trabalhadores da Ferrovia Madeira-Mamoré*. Em Manoel Ferreira (2005), a presença não se dá no título, mas na repetição de “cotidiano” em alguns tópicos nos quais o autor se limita a descrever elementos de rotina.

Cotidiano e cultura histórica

Em Porto Velho, ponto de nascimento da ferrovia, jornalistas, cronistas, memorialistas, médicos e romancistas atuaram na seleção, compilação e divulgação do passado do município, conferindo-lhe um sentido histórico, particular, segundo o qual a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, como marco histórico, passou a ter um lugar central nas formas de representação da memória, principalmente alinhadas aos elementos positivamente valorizados de progresso, ordem e trabalho (PAIVA, 2020, p. 22).

É comum se deparar tanto na historiografia como nas memórias regional noções como “os destemidos pioneiros e desbravadores trabalhadores responsáveis pela civilização do baixo/alto Madeira”, “na época dos ingleses/americanos não havia conflitos, todos se entendiam bem”. Todavia, ao destrinchar o cotidiano dos trabalhadores é possível desmistificar abordagens conciliatórias, de pacifismo e heroísmo e compreender a complexidade de aspectos que muitas vezes estão sedimentados na memória social e que incidem diretamente na reprodução das formas de opressão e exploração existentes no presente.

O empreendimento da ferrovia foi apenas o primeiro na história de Porto Velho, rememoremos os mais recentes, como a construção de hidrelétricas, em que os discursos foram e são os mesmos: a necessidade de mobilização de um contingente de trabalhadores, divididos em espaços de trabalho e moradia, onde os conflitos são abafados em nome do progresso econômico de Rondônia e do país.

Cotidiano composto por personagens não dissociados da estrutura

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para desmistificar a ideia de grupos sociais como exemplo de moralidade e destacar a heterogeneidade dos trabalhadores, o primeiro passo foi reinserir as experiências dos homens e mulheres e dar visibilidade aos seus relatos, sem desamarrar da estrutura maior em que foram submetidos e que, em certa medida, condicionam o viver cotidiano.

Dessa forma, analisei as conjunturas e condicionantes políticos, econômicos e sociais do início do século XX, a nível nacional e internacional, como a questão da entrada do capital estrangeiro e grandes empreendimentos ferroviários ligados diretamente à América Latina e experiências das relações de trabalho na Amazônia.

Assim foi possível confrontar e integrar as memórias dos trabalhadores, como Hugo, Trivério, Eron, Manoel, Henry, Benigno, Frank, Guilherme, e dos grupos sociais, que formam o cotidiano evitando cair em generalizações que, por vezes na historiografia, não respeitam a diversidade e complexidade de suas experiências (PAIVA, 2020, p. 30).

Cotidiano e generalizações: a questão da terminologia

Isto desemboca em um ponto que considero crucial no caso Madeira-Mamoré: a terminologia, principalmente por ser marcador de distinção social que determinou diferentes funções de trabalho, ocupações espaciais e relações sociais que ressaltam a heterogeneidade de experiências que compõe esse cotidiano.

Muitos termos têm sido utilizados como sinônimos para se referir a esses trabalhadores: empregados, funcionários, operários. Entretanto, no aprofundamento da leitura das fontes – especificamente na rasura do escrivão, em um processo-crime, que risca a palavra “trabalhador” e corrige para “empregado” –, é possível perceber a diferença de tratamento entre os que realizam um trabalho intelectual, de planejamento e administrativo (empregados), e os que realizam o trabalho braçal, de esforço físico (operários).

Na tentativa de me desvencilhar das confusões sobre os termos, optei pelo uso de “trabalhadores” para se referir a todos aqueles que, de alguma forma, trabalharam para a Companhia na ferrovia Madeira-Mamoré. Porém, o termo “trabalhadores” é generalizante e pode atribuir a falsa impressão de que todos estavam em iguais condições

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de trabalho, o que justifica o uso dos termos “empregados” e “operários” para distinguir, em dois grandes grupos, os tipos de trabalhadores.

Estas distinções destacam os diferentes modos de viver que os trabalhadores foram congregados através do vínculo de trabalho que havia com a ferrovia, resultando na configuração do cotidiano dos trabalhadores. Quando se decompõe o cotidiano, como na distinção entre empregados/operários, entende-se que houve experiências diferentes em um mesmo cotidiano de trabalho na ferrovia: um empregado norte-americano, engenheiro, que trabalhava em escritório e morava em casarios possivelmente teve uma experiência diferente de um operário paraibano, prestador de serviço no assentamento de dormentes, que trabalhou exposto na mata e morava em barracões.

Assim, o caminho percorrido foi de sair de uma homogeneização feita pela historiografia sobre o cotidiano dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré, para aprofundar na complexa diversidade que compõe o cotidiano desses trabalhadores.

Cotidiano e sociabilidades

Estudar o “cotidiano” juntamente com o conceito de “socialidades” possibilitou inserir o teor analítico que faltava nas produções sobre cotidiano que fluíram para a descrição e narração de acontecimentos do dia-a-dia.

Para o sociólogo Michel Maffesoli, o cotidiano é o lugar da “socialidade” – aqui entendida por “sociabilidade” –, compreendido pelas astúcias, relações mais íntimas, a celebração conjunta de datas, a congregação em momentos religiosos e esportivos e as organizações sociais que representam a vida e fecundidade. São estes “pequenos nada da vida” considerados como uma potência de significados muitas vezes observados superficialmente (BARCELLOS, 1995).

As sociabilidades evidenciam experiências divisoras e aproximativas entre os trabalhadores. Empregados se reuniam em bailes e festas das associações recreativas na cidade de Porto Velho. Operários se juntavam com trabalhadores, não ligados à ferrovia, em barracões, ao longo da linha férrea. Os empregados norte-americanos comemoravam o 4 de julho; os trabalhadores brasileiros, o 7 de setembro. No entanto, toda a cidade bem como todos os trabalhadores, independente da função de trabalho celebrava o 1º de maio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Isso gerava uma dinâmica nas suas práticas e organizações, permeadas pelas relações de trabalho, que proporciona uma vida cotidiana transformadora. Conforme Mesquita (1995, p. 21), ao reportar-se sobre os estudos de Agnes Heller, é no cotidiano, como lócus da prática, que o homem forma sua “consciência de nós” e configura sua própria “consciência do eu”.

Cotidiano como lócus de experimentação

Por fim, o cotidiano dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré consiste também – e, neste caso eu diria, primeiramente e principalmente – como espaço de experimentação. A Companhia responsável pela construção, de modo planejado e seletivo, recrutou, instituiu salários, dividiu em funções e hierarquia, separou espaços, propagou o que era esperado dos trabalhadores e criou e tutelou as práticas de lazer e das relações sociais. Atuou, dessa forma, na “especialização, adequação e racionalização” de questões configuradoras do cotidiano. O modo operacional consistia em métodos implementados e testados pela Companhia em obras anteriores, com participação da mesma empresa empreiteira pela América Latina, como em Cuba, Guatemala e Panamá, sob a liderança do empresário Percival Farquhar.

A organização do sistema de trabalho, construção dos espaços de trabalho e habitações/lazer, cerceamento das relações sociais, aparelhos repressivos e instituição das medidas sanitárias, foram elementos planejados e implementados no cotidiano dos trabalhadores para garantir, mais uma vez, a efetividade de um empreendimento da Companhia.

Isto configurou a vida cotidiana dos trabalhadores como um campo vasto de experimentação na aplicação de métodos de controle da força de trabalho. Mas que, apesar da estrutura condicionante de um “viver” cotidiano, os agentes históricos, homens e mulheres, também burlaram os interesses de disciplinarização.

Por fim, o intuito foi trazer parte da discussão sobre cotidiano como categoria analítica, destacando contribuições que considero importantes e que me ajudaram a identificar e analisar elementos na minha pesquisa sobre a vida cotidiana dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré, como trabalho, espaços, relações sociais,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conflitos, saúde. Estes elementos, articulados, constituem o cotidiano dos trabalhadores marcado pela dinamicidade, e que, portanto, evidenciam o quão diverso e complexo pode ser investigar a “vida cotidiana” (PAIVA, 2020).

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. **Territórios do cotidiano**: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (orgs.). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRRGS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

CASTRO, Hebe. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas**: cotidiano operário em São Paulo – 1927-1934. (Dissertação). UNICAMP, 1983.

DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea**. **Proj. História**, São Paulo, (17), nov. 1998.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FERRERAS, Norberto Osvaldo. **O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)**. Niterói: EdFF, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. **O não-cotidiano do cotidiano**. In: **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Gleny Terezinha Duro Guimarães, org.; Idília Fernandes ... [et al.].- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma**: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho & Leandro Konder. 8. ed. 1ª reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011 [1970].

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: e-Manuscrito, 2019.

MENEZES, Marilda Aparecida. O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação: a contribuição de James C. Scott. **Raízes**, Campina Grande. Vol. 21. Nº 01. P. 32-44. Jan./jun. 2002.

MESQUITA, Zilá. Cotidiano ou quotidiano? In: **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (orgs.). Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRRGS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

NEELEMAN, Rose. NEELEMAN, Gary. **Trilhos na selva: o dia a dia dos trabalhadores da Ferrovia Madeira-Mamoré**. Trad. Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

PAIVA, Ana Carolina Monteiro. **Trabalho e cotidiano na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1919)**. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: PPGH-UFPB, 2020.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In: **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (orgs.). Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRRGS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum no conhecimento da vida cotidiana. In: **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (orgs.). Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRRGS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. Ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

THOMPSON, Edward. P. **A História vista de baixo**. Artigo extraído de The Times Literary Supplement, 7 abr., 1966. Tradução: Antônio Luigi Negro. Revisão: Michael Hall.